

FESTA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA: UMA REPRESENTAÇÃO GEOGRÁFICA E CULTURAL NO TEMPO E NO ESPAÇO DE JATAÍ-GO1

NOSSA SENHORA DA ABADIA: FESTIVAL A GEOGRAPHICAL AND CULTURAL REPRESENTATION AT TIME AND SPACE OF JATAÍ-GO

Marlene Flauzina Oliveira

Mestranda em Geografia - Programa de Pós-Graduação Campus Jataí/UFG
mf_jti@yahoo.com.br

Eguimar Felício Chaveiro

Professor, Doutor, Associado do Instituto de Estudos Socioambientais, da UFG
eguimar@hotmail.com

Resumo

Festa de Nossa Senhora da Abadia – um manifesto popular que se realiza na zona rural do município de Jataí/GO, há aproximadamente 130 anos. Compõe-se de momentos representados por ritos e símbolos perante os quais interconectam-se signos sagrados e profanos. O lugar em que ocorre o festejo se encontra em meio ao processo econômico da pecuária, monoculturas de soja, milho, sorgo e recentemente a plantação da cana-de-açúcar atende ao setor sucroenergético. Esses usos e ocupações do solo transformaram o espaço socioambiental do município, bem como inseriram novos comportamentos culturais à comunidade jataiense. A problematização da pesquisa surge ao perceber que esta região, abriga atividades com modernas técnicas de produção, e que no tempo da festa a comunidade por meio do manifesto se organiza, produz e reproduz o lugar, mediante a tradição festiva pelas práticas e relações sociais. Desta forma a pesquisa qualitativa por meio da observação dos fatos, da entrevista gravada, das fotografias, filmagens, anotações e da história oral nos permite compreender por meio da interpretação a organização interna a dimensão ritualista da festa, ou seja, como é constituído socialmente, politicamente e culturalmente o tempo e o espaço da festa.

Palavras-chave: Tempo/espaço. Lugar festivo. Tradição. Práticas sociais. Modernidade.

Abstract

NossaSenhora da Abadia festival, a popular manifest that takes place in the countryside of Jataí, located in the state of Goiás, which has been occurring around 130 years. Itis compounded of moments represented by rites and symbols, which before these ones, sacred and profanes signs are correlated together. The place where the festival takes place in is currently developing the economic process of livestock monocultures of

soybeans, corn, sorghum and recently by the sugarcane industry. These specific land inappropriate use and occupation, change the municipality socio-environmental space, as well as they have introduced new cultural behaviors in Jataí's local community. The research observation subject arouses, as it is realized that the site where the festival takes place in, boasts activities with modern production techniques and also during the festival season the community through a manifest organize themselves, they produce and reproduce the place according to the festive tradition through the practice and social relations. Thus, the qualitative research through the observation facts, recorded interviews, photographs, filming, notes and through the narrated accounts made possible for us understand through the interpretation and the intern organization the ritualistic dimension of the festival, in other words, how it is socially politically and culturally Constituted in terms of time and the festival space.

Key-word: Time/space. Festive place. Tradition. Social practice. Modernity.

Introdução

O município de Jataí se encontra no Bioma-território Cerrado, privilegiado pela flora, fauna e pelas formas levemente onduladas do relevo. No entanto, os seus recursos naturais foram alterados a partir de incrementos modernos e tecnológicos. Isso faz com que o município seja incluído no “espaço do agronegócio”, pela pecuária, monoculturas de soja, milho, sorgo e, recentemente, pelas usinas sucroenergéticas. Os tipos de uso e ocupação do solo reorganizaram o espaço do município, bem como inseriram novos comportamentos culturais e econômicos ao jataiense.

A inovação na dinâmica espacial no município, tanto rural quanto urbana, trouxe mudanças aparentes, como o crescimento demográfico-urbano de sujeitos do lugar, que ora são impulsionados pelo êxodo rural ora são migrantes que trazem, de outros lugares, seus valores, costumes, religiosidades, enfim, parte de sua cultura.

O meio rural passa a ser, por meio da modernização da agricultura, o lugar da produção mecanizada, diferentemente do cenário que se apresentava antes desta ocupação, em que, a agropecuária tradicional era representada por criadores de gados e de produtores de culturas tradicionais como o arroz e o feijão. Esta modernização por meio da monocultura de grãos, vinda com os migrantes sulistas, impulsionam a pecuária em sua maioria dos goianos para as terras na periferia com solos levemente ondulados.

A Comunidade Rural da Onça é formada por pequenos, médios e grandes proprietários rurais, conforme Fockink (2007).

Neste cenário de concorrências socioeconômicas, é que se encontram indivíduos que, em meio às transformações ocorridas pelo uso e ocupação do solo, conservam-se por intermédio de suas tradições algumas práticas sociais sem apresentar modificações consideráveis nas estruturas e organizações de suas festas religiosas ou não religiosas, costumes, culinária, saberes, compadrio e outros.

Pretendemos interpretar, neste texto, por meio do estudo da festa de Nossa Senhora da Abadia na “Região da Onça”, e de seus agentes a cultura que conseguem preservar por intermédio de uma prática social, tradicional e secular, em meio às mudanças socioespaciais mediados pela inserção econômica mundial.

No entanto, o objetivo deste texto é compreender, por meio da organização interna, a dimensão ritualista da festa, ou seja, como é constituído socialmente, politicamente e culturalmente o tempo e o espaço da festa.

Para a realização deste trabalho, contou-se com a colaboração de alguns indivíduos que moram ou têm vínculo com a “Região da Onça”, e respectivamente com a festa de Nossa Senhora da Abadia, bem como, registraram-se as práticas por meio da observação, das entrevistas gravadas, transcrição das entrevistas, fotografias, filmagens, anotações no caderno de campo, por meio da história oral, e da fundamentação em referenciais teóricos como, livros, artigos, teses e dissertações.

Registrar os eventos no momento em que ocorrem permite interagir, vivenciar e compreender melhor o que é afirmado pela oralidade, o que geralmente vai ao encontro com nossas expectativas.

A “Região da Onça” situa-se no município de Jataí, que se localiza na região Centro-Oeste do Brasil, no estado de Goiás, situada na Microrregião Geográfica do Sudoeste de Goiás, distando quase 320 km da capital. As principais vias de acesso à região são pela GO 184, conhecida por Estrada Velha para Caiapônia e pela antiga Estrada “Trans Onça”, hoje denominada de Estrada Municipal JMS - José Matias de Souza. Conhecida popularmente como “Região ou Comunidade da Onça”, por se localizar na bacia do Córrego da Onça, na porção norte do município, com distância aproximada de 30 km da cidade de Jataí. No decorrer do trabalho, a expressão “Região

da Onça” ou Comunidade da Onça, aparece para denominar espacialmente um lugar que é popularmente conhecido pela sociedade jataiense.

A festa no tempo, tempo da festa

Durante todo o período que acontece a celebração, os eventos que compõem a festa são contados e executados, por meio da memória oral por sujeitos da comunidade, ou que tenham alguma ligação com os moradores da região, que, de costume, são devotos ou simpatizantes de Nossa Senhora da Abadia.

A tradição, por meio da materialização e das atividades coletivas que resultam na festa, traz ao grupo de devotos um tempo e um espaço específico que se faz diferente do ritmo do mundo externo ao deles naquele momento, isto é, o tempo é o tempo de idolatrar a santa, de vivenciar os eventos que complementam a festa, de compartilhar as emoções, de eternizar a tradição e a ritualização.

Maia (2002, p.19), em sua tese, apresenta a distinção entre tradicionalismo e tradição, em que o tradicionalismo pode se transformar em ideologia, quer dizer “a formulação tradicionalista é reacionária, além de ser voluntária e intencionalmente hermética à mudança”. De forma mais explícita, a formulação tradicionalista é, por si própria, fechada ao novo, os tradicionalistas não permitem inserir novidades ao universo festivo na qual se inserem.

Enquanto que, para tradição, Maia (2002, p. 30), baseado em Thompson (1998), aponta que a “tradição é um modo de compreensão de mundo”. A partir do pensamento de Heidegger (1988), é possível explicar-se a tradição à maneira de compreensão e sua “eficácia ontológica”. O autor vai além do conceito formal que se tem de tradição, como “uma transmissão de hábitos e costumes”, e apresenta seu conceito ao afirmar que a

“tradição” numa perspectiva originária significa “dar e entregar”. Mas o que se dá, ou o que se entrega na “tradição”? Podemos dizer que o que se entrega na tradição é uma possível compreensão de mundo e do ser-no-mundo (MAIA, 2002, p. 31).

Maia (2002) esclarece o conceito por meio de (06) seis argumentos relacionados entre si, alusivos à “eficácia ontológica” da tradição, no que se diz respeito à festa cavaleiresca de Pirenópolis-GO. No entanto, usaremos tais argumentos de forma a

relacioná-los com as entrevistas de alguns dos participantes da festa de Nossa Senhora da Abadia em Jataí-GO.

a) A tradição é um modo possível de compreender o mundo festivo em que o ser-no-mundo se compreende a partir do mundo assim dado como participante deste mundo mesmo e aos outros participantes como tal (MAIA 2002, p. 32).

Veja a resposta do entrevistado mediante a indagação sobre quanto tempo ele participa desta festa.

Acho que quarenta e poucos, mais ou menos, sempre eu participo. Todas festa eu to nela, eu to por ali... Saí festeiro a primeira vez que eu entrei. Na primeira vez já fui festeiro. E agora vem continuando, toda festa eu sou uma coisa na festa, ajudante de uma coisa, ajudante de outra. Sou, todo ano, (se referindo a uma função). Vim na semana passada rachei minha lenha, tá tudo rachadinho, a lenha que tá rachada ali, fui eu que rachei. (Entrevistado A, 67 anos).

Neste sentido, a tradição revela um sujeito como um ser-no-mundo, com seu modo de participar do fazer festivo, compreendido com o seu mundo.

O entrevistado se revela enquanto um ser-no-mundo para a continuidade da tradição e, por intermédio de sua “ajuda”, e dos demais participantes, podemos compreender este mundo festivo tradicional por meio das atividades, dos eventos, dos ritos, mesmo que seja de forma a transmitir os costumes.

Vejam os argumentos do autor para compreender a tradição.

b) A tradição, enquanto compreensão, orienta a participação no mundo festivo. Entendemos que “participação” implica em “tomar parte de algo (...) mediante uma iniciativa”. Participação traduz, em efeito, um movimento intencional de ‘ir-ao-encontro-do-outro’. Com vistas ao alcance de uma meta comum, pressupondo-se, ainda, a reciprocidade de tal movimento” (Maia 2002, p. 33, apud Maia 1999, p. 197).

A participação, neste caso, vem no sentido de ‘ir-ao-encontro-do-outro’, de festejar, de encontrar os amigos que há muito tempo não se via, de cumprir com compromisso simbólico e coletivo. Na festa em estudo, o ‘ir-ao-encontro-do-outro’ acontece durante todo o ritual festivo e profano, que se inicia na saída da folia para o giro, onde se tem um jantar preparado por meio da ajuda mútua dos indivíduos que, ao

mesmo tempo, vão para participar de todo o evento tradicional, para rezar o terço, dançar, participar das diversas conversas como causos, piadas, notícias da cidade, economia, negócios, enfim, a participação também se transforma em festar.

Assim, para elucidar, confira o teor da resposta na entrevista abaixo, quando se perguntou sobre a importância dos empregos (funções) para a festa.

Ah! É bom demais! O pessoal reúne pra fazer a festa, cumprir os emprego né, aí fica igual cê tá vendo aí, uns joga truco, uns vem só pra passear mesmo, outros vem ajudar, outros vem pra cumprir os emprego. Acaba que reúne e faz o serviço, uns ajuda os outro e a festa continua né! (Entrevistado E, 70 anos).

Para o terceiro argumento, o autor apresenta o seguinte:

c) A tradição é uma compreensão que, “paradoxalmente”, como possibilidade, pretende se impor como absoluta e intemporal. Essa possibilidade de compreensão, para o participante, encontra-se aí desta maneira e desde sempre – por isso, a tradição aparece de forma liminar frente a outras possibilidades (MAIA, 2002, p. 34).

É compreendido como um dia imposto absoluto e intemporal, porque, dia 15 de agosto é o dia da padroeira, o que implica que se tem de consagrar o dia a ela, como dizem os devotos: “é um dia santo”. Assim, a festa dedicada à santa acontece dia 14 de agosto e, neste dia, é o momento de festejar e agradecer as bênçãos por ela concedidas.

Neste sentido, os devotos se dedicam à santa por meio dos eventos que compõem a festa, ou seja, eles se sentem obrigados simbolicamente a cumprir com suas funções ou, simplesmente, com suas participações. Na festa em estudo, apesar da intensa fé na santa e do compromisso coletivo dos participantes, os devotos temem por não conseguirem cumprir com a promessa e sofrerem um castigo da santa.

Queiroz (1973, p.85) apresenta em seus escritos como é recíproca esta relação entre santo e devoto, portanto, existe essa forma tradicional de festejar o padroeiro local, “é preciso que este não possa se queixar dos fiéis, pois, caso contrário, vingar-se-á enviando secas prolongadas, inundações, nuvens de gafanhotos, provando que não está satisfeito com o tratamento que lhe tem sido dispensado”. Ou seja, a reciprocidade acontece logo que, “*do ut des*: dou a fim de receber alguma coisa em troca” (QUEIROZ, 1973, p. 86).

No próximo argumento, Maia fala da possibilidade de execução da tradição pelo participante em que é necessário seu traslado para o local da festa. No caso em estudo, quando o participante mora perto do festeiro ele vai e volta praticamente todos os dias para a preparação para a festa, mas quando o participante mora longe do lugar da festa, costuma ele se hospedar na própria fazenda.

d) A tradição festiva é uma compreensão para a qual o participante, de uma forma ou de outra necessariamente se “translada”. Diferentemente de outras possíveis compreensões, o participante tem por certo que a tradição se efetivará, pois isso é essencial para que ele seja participante da tradição festiva; ou seja, ninguém acredita que uma festa tradicional possa deixar de ocorrer no seu devido momento! (MAIA, 2002, p. 35).

Confira na resposta da entrevista, naquilo que se relaciona à importância dos empregos para a festa. Compreende-se que, para os interlocutores, cada participante cumprindo com sua função na organização da festa, ela se efetivará.

Fica muito bom que fica dividido, cada um fazendo sua função, desde do festeiro ao empregado, o festeiro administra a festa e nós faz os outro serviço tudo em geral né, cada profissão tem um fazedor daquele serviço, então fica bem mais maneiro pro festeiro se todo mundo cumprir com seus emprego. (Entrevistado D, 38 anos)

[...] nos dias que antecede, tem muita gente que vem pra ajudar, então... igual nessa mesmo... eu tenho o meu filho mesmo, que trabalha lá em Jataí, ele ta na lista também, ele saiu banqueiro: fazedor de banco, cê vê os amigo tá ali já com os banco quase pronto e ele ta tratando do serviço, então tem muita gente que vem e ajuda a parte do outro, no caso por exemplo... ai ele chega tem outra coisa, ele vai fazer outra coisa né? Porque a parte dele já ta pronta e ai vai... e assim por diante. É união da comunidade. (Entrevistada F, 56 anos).

No argumento seguinte, Maia pontua que

e) A tradição engloba toda a festa. Não há um ou outro aspecto da festa que seja “tradicional”: todo o “quadro” dado à circunvisão o é (MAIA 2002, p. 35).

Nas respostas dos participantes percebemos que eles têm dificuldades de pontuar qual o momento mais significativo de toda a festa em celebração à santa. Indo ao encontro do que o autor diz que toda a festa é tradicional.

Assim, a saída é um momento muito importante, depois vem os pousos, cada pouso, cada pouso é um pouso, e no dia da festa a hora da chegada, pra mim é mais emocionante. A hora da chegada pra mim, na hora do terço, na hora que rezando é emocionante mas na hora da chegada, gente a hora que encontra as duas comunidades, porque a comunidade é uma só, só que é assim um grupo, um grupo do lado do festeiro e grupo do lado do alfer né, então hora que reúne assim ali e hora mais emocionante, eu sinto assim. (Entrevistada F, 56 anos).

Eu pra mim, desde do começo, saiu a bandeira até... no último dia da festa pra mim é igual. Igual... é tudo que... ai já vem a... pára a bandeira, ai já vem pra festa. A animação do pessoal, todo mundo junto, todo mundo amigo, uns ajuda uns aos outro, os que tem os serviço maior, aqueles que tem menos ajuda, ajunta todo mundo e faz o serviço dum... daquelas pessoas também, ajuda. (Entrevistado A, 67 anos).

O autor apresenta seu último argumento para tradição:

f) “A tradição festiva liga-se, pelo que temos dito, a um lugar (é uma maneira de compreender-se naquele lugar) (MAIA 2002, p. 36)”.

Neste aspecto, observemos a resposta dos entrevistados ao indagar sobre o significado da festa de Nossa Senhora da Abadia para quem é da “Região da Onça”.

... é dá continuidade a uma cultura e não deixar morrer, aquilo que desde nossos antepassados vem passando, apesar que já teve muitas mudanças mas, é muito gratificante manter a cultura da região, como se diz é como se fosse um marco dessa região né, tanto que a maioria das pessoas não falam festa de Nossa Senhora da Abadia, fala de festa da onça, então, a região ficou muito conhecida por causa dessas festas, dessa e a de janeiro que é de São Sebastião. (Entrevistada G, 33 anos).

Ah! é muito significante, gratificante é uma tradição que não vai acabar nunca, porque agente vê o descendentes novo, vai criando ambientado né, então eu acho que esse lado da tradição aqui nunca vai acabar... inclusive eu tava participando mais o Manoel essa festa tá.... a gente pensa assim que ela vai acabar, mas num vai, não vai acabando porque cê vê a novença cria num ambiente e ai vai acabando os velhos mais os novos vai chegando e continua né, acaba não (Entrevistado E, 70 anos).

Para Maia (2002, p. 37) se se postula enfaticamente que a tradição é de um “lugar originário” (esta é uma possibilidade de se compreender aquele lugar, compreendendo-se a si mesmo como sendo “dali”, tanto quanto a própria tradição o é também “dali”), tende-se a estabelecer, nesse modo de compreensão, um poder discriminativo entre quem é ou não “dali”, o que implica em formas distintas de participação.

A festa tradicional em questão originada naquele lugar, conhecido popularmente por “Região da Onça”, permite-nos compreender a tradição do lugar festivo por meio de seus participantes, que em sua maioria são sujeitos do lugar, mas tem também a participação de indivíduos que não são do lugar, e todos estes seres nos permitem ver, em seu modo de ser com relação à festa, a sua existência.

Existência essa do ser-no-mundo, como enfatiza Maia (2002), em que o sujeito sente-se um ser-no-mundo a partir do momento em que ele faz parte da organização festiva por meio de prestação serviços de forma individual ou coletiva, da forma em que mantém a historicidade da festa por meio de sua efetivação no seu tempo de consagração, por meio de sua devoção. No momento da efetivação, estes sujeitos consideram a tradição festiva como um todo tradicional e não conseguem ver a festa sem esse ou aquele evento e, desta forma, eles compreendem e são compreendidos no meio festivo. No entanto, a tradição festiva torna-se um elemento de coesão social da comunidade rural.

Elementos do sagrado e do profano na festa de Nossa Senhora da Abadia

Assim como Brandão (1981), em seus estudos sobre as festas populares, consideramos também que a festa de Nossa Senhora da Abadia possui, em sua essência, a lógica do religioso popular, e se reconstrói por meio dos mitos de origem e sua legitimidade acontece por intermédio de devoções populares do sagrado, sem desvincular-se dos ritos do profano, criando assim seu próprio estatuto funcional.

Muitas destas festas populares, assim como esta em estudo, trazem em suas realizações heranças do catolicismo e, com o decorrer do tempo, sofreram alterações em suas celebrações e várias delas são realizadas sem a presença eclesial, de forma a ser conduzidas por integrantes da própria festa, assim considerada por Queiroz (1973) de festa “tradicional ou rústica”.

Queiroz (1973) descreve a composição do catolicismo rústico brasileiro apontando alguns elementos, como o de que sua base está na cultuação aos santos, isto é, no ponto de ligação com o catolicismo em geral e a cultuação a um santo que, comumente, é o padroeiro do lugar; o resquício da religiosidade portuguesa que os camponeses, ao migrarem, trouxeram consigo em suas crenças; outros elementos que

compõem o catolicismo rústico são as práticas religiosas presentes nas festas (penitências, orações rústicas e comemorações do dia dos santos) as danças, as relações sociais (amigos, vizinhos, compadrio e os parentes), a estrutura da festa também é outro ponto forte em que os participantes estabelecem por meio de uma política própria de organização e executam os eventos que compõem a festa. Desta forma, mesmo sem a presença de um padre, as atividades e os eventos se efetivam e conservam os elementos essenciais do profano e do religioso.

Já o catolicismo eclesiástico, para Queiroz (1973), apresenta em sua estrutura sacerdotal uma hierarquia amparada por uma doutrina religiosa e ortodoxa, com elementos estabelecidos como o casamento religioso, comunhão, cursos de catecismos, comunhão, batismo, adoração aos santos, missas, entre outros.

Neste sentido, Queiroz (1973) demonstra que o culto ao santo pode ser tanto no catolicismo oficial (universalista, mais romano e das ordens religiosas), quanto no catolicismo popular (doméstico, dos primeiros colonos e dos chefes de família). A autora afirma que esta cultuação acontece tanto na cidade quanto no campo e são compostas por práticas domésticas ou realizadas por pequenos grupos.

Com característica do catolicismo rústico a festa em estudo, representa o momento da crença na santa, e isso acontece por meio de cada evento que é tradicionalmente realizado. Esta crença se apresenta de forma coletiva ou individual por seus participantes. A homenagem individual pode ser momento do pagamento de promessa ou de orações individuais.

É a uma divindade que os devotos se relacionam no momento do sagrado, explica Rosendahl (1999). O grupo envolvido no momento do sagrado deixa transparecer a sua crença e seu respeito pela força divina por meio de seus gestos e atos durante todo o festejo. Nesta ocasião, a relação pode ser individual ou coletiva, como comumente ocorre em festas tradicionais.

O espaço do profano, também caracteriza a festa, por meio dele os sujeitos se realizam tanto quanto no espaço do sagrado. O profano igualmente seduz indivíduos para a realização e participação da festa. Neste espaço, também ocorrem as relações profanas como os namoros, as rugas, a dança, os jogos, a comilança, o uso de bebidas alcoólicas.

Rosendahl (1999, p. 239), “define o espaço profano como o espaço desprovido de sacralidade, estrategicamente ao “redor” e “em frente” do espaço sagrado.” O profano é organizado de forma que o favorece no espaço do sagrado, ligando-se aos atos religiosos. Na festa de Nossa Senhora da Abadia, as atividades profanas acontecem ligadas às atividades religiosas, ou seja, se não houvesse a celebração a santa, elas não existiriam neste tempo.

Para Brandão (1981, p. 147), “cada um destes rituais do catolicismo popular conduz os seus participantes regulares entre situações dentro dele, de iguais alternâncias entre o devocional e o festivo-profano”.

Brandão (1981) afirma que, em festas populares faz-se necessário misturar, dentro de uma mesma sequência de louvor a um santo padroeiro, o sagrado e o profano, uma vez que rezar, dançar, comer e festejar são atividades que se espera fazer em todas as festas de santo, mas, quando deixa de realizar um destes atos, perde-se uma parte necessária da festa, até porque nestes tipos de comemorações, estes atos contribuem e complementam a sua realização. Eles também contribuem para que a festa se torne um ato coletivo que, por sua vez, necessita de um público que participe de sua solenidade. Desta forma, neste momento, a vida social se torna pública e a festa se torna território composto por diferentes identidades e/ou então se torna território de um grupo social.

Mas o seu público se torna também coletivo e heterogêneo e participa da festa com o intuito que é comum a todos, expressar seus sentimentos e se identificar. Para Amaral (1998, p. 26), “As festas seriam uma força no sentido contrário ao da dissolução social”, no entanto, quanto mais uma sociedade ou comunidade realizam festas e cerimônias religiosas, menos possibilidade de cair no esquecimento o que elas mantêm como patrimônio imaterial na memória coletiva e também reforçam o laço social destes grupos.

A temporalidade da manifestação cultural

Considerando que a festa em estudo na “Região da Onça”, assim como para muitos estudiosos, não significa rompimento instantâneo com o cotidiano, pois os sujeitos se envolvem no tempo da festa. Em alguns momentos alguns indivíduos dedicam seus trabalhos à preparação da festa, aos seus símbolos e ritos. Neste caso, o

trabalho e o festejar se complementam o que sinaliza que as regras sociais continuam presentes na festa. Para Rosa (2002)

Como forma de lazer, a festa denota sentidos e significados diversos, como ordem, desordem, diversão, trabalho, segurança, conflito, devoção, convivências, efervescências, excesso, ambigüidade, gratuidade e espontaneidade. Tempo e espaço festivos tem enunciados, dentre suas características peculiares, como um local e um tempo, mas não é uma experiência desestruturada socialmente, nessa atividade, outras regras são estabelecidas, mas não se rompe com as cotidianas. Não vejo, pois, a festa como uma transgressão. Beber, comer, namorar, dançar e divertir são ações cotidianas, mesmo ocorrendo na festa de forma ampliada (ROSA, 2002, p. 24).

Em relação a não transgressão da festa com o cotidiano, acrescentamos ainda, que rezar e trabalhar também são ações cotidianas. Entendemos que a festa rompe com as atividades rotineiras, mas não rompe com o cotidiano de seus participantes. Canclini (1983, p. 128) afirma “que existe, portanto, uma continuidade entre a festa e a vida cotidiana, entre o que nós, ocidentais, costumamos distinguir como o religioso e o profano. Os atos cerimoniais não devem ser separados dos cotidianos”.

Para alguns devotos da santa, esta celebração faz da festa parte de suas vidas. Alguns sujeitos preferem gozar de suas férias na época da festa, para participar de toda a sua organização e, inclusive, da folia. Neste sentido, Maia (1999, p. 201) demonstra que, “além de colocar em cena a tradição a temporalidade das festas populares manifesta-se ainda como um ‘momento esperado’, conta-se com sua realização”. Em relação à temporalidade das festas populares, Maia (1999, p. 200) afirma que

é marcada, usualmente, por uma compreensão do movimento historial em que se releva o caráter de tradição; ou seja, há toda uma preocupação por parte dos participantes em preservar um legado de crenças, hábitos, elementos alegóricos, etc., tidos como fundamentais na significação/caracterização/composição da festa como acontecimento.

Esta prática social e cultural na espacialidade da “Região da Onça” produz sentido e movimenta a vida de seus moradores, isso acontece a partir do momento em que começa o giro da folia, que tem como objetivo mobilizar a comunidade por meio das visitas e arrecadar donativos para ajudar o festeiro custear as despesas da festa. O

giro da folia, com seus ritos, entusiasmos e a festa, são dois elementos muito expressivos para a comunidade, pois juntos permitem os momentos de reencontros, da sociabilidade, de vivenciar novamente uma prática no presente com características do passado.

Nos dias que antecedem a festa, todos os eventos giram conforme o seu tempo, não usa o tempo marcado pelo relógio, mas, sim, o tempo em que se necessita para realização das atividades que compõem aquele momento. A esse respeito, afirma Rosa (2002, p. 16) que

A noção de tempo cronometrado não é a dominante. Algumas manifestações culturais, como blocos carnavalescos, congados e bandas, podem respeitar tanto o tempo determinado por uma organização externa como também o estabelecido pelos seus componentes, o tempo social do grupo.

Esse tempo social é presente também durante o tempo do giro da folia, em que os foliões obedecem ao tempo de “girar” durante o dia, ou seja, a caminhada acontece até antes do pôr do sol. Alguns dizem que a santa não pode “girar” à noite.

Outro exemplo seria o tempo da preparação, que ocorre na casa do festeiro, o qual reúne várias pessoas da comunidade para ajudar nos preparativos para a festa que, de forma simples, é dividida por atividades coletivas, ao mesmo tempo que um mutirão de sujeitos, envolvidos em um só objetivo, priorizam a continuidade da tradição. São numerosos homens e mulheres, entre eles jovens e idosos.

A quantidade de crianças também merece destaque, uma vez que, mesmo mergulhadas no espírito festivo, o seu tempo é outro, o tempo das brincadeiras. É comum a formação de grupos entre elas, divididas pela faixa etária e, às vezes, por gêneros, algumas espontaneamente ajudam os adultos em suas tarefas.

O importante para os indivíduos presentes é auxiliar a família do festeiro na organização da festa, pois são muitas tarefas a se realizar. Eles sentem-se simbolicamente obrigados a auxiliar, até porque a ajuda é recíproca independente de quem é o festeiro.

Conforme Rosa (2002, p. 19), “O envolvimento com a festa, contudo, pode influenciar os valores tradicionalmente atribuídos as diferentes práticas, independentemente da figuração: folião, visitante, organizador”. Com essa citação, a

autora nos ajuda a pensar sobre o significado das práticas para as pessoas envolvidas no festejo em estudo, em que o trabalho desenvolvido vem no “sentido simbólico de compromisso, dedicação e paixão acima de tudo” (ROSA, 2002, p. 20). Simbolismo esse compreendido durante o tempo em que vivenciamos as práticas. Na entrevista abaixo, é possível perceber a emoção e o compromisso do entrevistado e dos demais integrantes da festa, quando perguntou a ele sobre a importância das mulheres na organização da festa e o entrevistado fala também das funções dos demais participantes.

Ah! é muito bonito é união, todo mundo trabalha, parece, assim, com maior prazê, tudo alegre, satisfeito, ninguém... cê num vê ninguém reclama nada, tudo trabalha normal, tudo bom demais! Nos também que faz o serviço mais pesado, fogueira, tolda, outras coisa, tira massa, isso ai vai com maior prazê, corta lenha tudo! Isso ai a gente faz com maior prazê (Você acha que esta festa de Nossa Senhora da Abadia é motivo de união da comunidade da Onça?) É, é! Nossa senhora, quando chega mês de julho o pessoal só pensa nisso né! Num pensa em outras coisa, só pensa que tem que sair com a folia, que tem que andá na folia, tem que prepará um cavalo, tem que prepará uma coisa. E ai a emoção é muito grande! (Tem que preparar as coisas também, a comida, as coisas?) Tem, a estrutura, a emoção é muito grande, a gente acha bão demais, eu pelo menos... eu já andei demais na folia, todo ano eu ando, todo ano eu ajudo, cantei musica, me diverti muito, já dancei muito catira já! (Porque a folia também é isso, ela é diversão...!). É ela é diversão e a gente vai fazeno aquela diversão e respeitano a santa né, é muito bom! (sobre a união organização com a festa) aquilo é um compromisso que nós tem todo ano mesmo! Pra nós é um compromisso mesmo, todo ano nós tem o compromisso de cumprir aquela devoção... (Entrevistado E, 70 anos).

Durante a festa, percebe-se que ela é um ato coletivo que alterna entre o religioso e o festivo por meio das práticas. E é neste mesmo ambiente que Brandão (1978, p. 48), em relação à estrutura simbólica da ordem da festa, afirma que as “Pessoas da Festa ganham seus lugares. É possível compreendê-las, agora, como integrantes articulados de um acontecimento festivo...”. A este respeito o autor, ainda diz mais, que numa “festa de santo coloca dentro de um sistema de ações de troca de serviços, tipos de pessoas socialmente (ou ritualmente) diferenciadas em posições-articulações diversas e interdependentes” (BRANDÃO, 1978, p. 49).

No tempo da festa, ela se efetiva somente se tiver ajuda e participação dos sujeitos por meio das práticas e trocas simbólicas. Em entrevista, uma participante disse o seguinte:

[...] as companheiras ajudam a gente de coração, sem as companheiras e a comunidade não tem festa é difícil, não faz não. (Entrevistada F, 56 anos).

Desta forma, além de proporcionar lazer, ela apresenta momentos interligados entre a diversão e o trabalho. Assim os sujeitos envolvidos na organização não separam estes elementos por meio de suas atividades.

No tempo/espaço da festa a sua preparação da festa também é um momento para os devotos pagarem suas promessas, como montar o altar e ajudar nos serviços da cozinha. Durante estes dias, acontecem, paralelo à realização dos trabalhos, as brincadeiras e confraternizações entre os presentes, como danças, jogos de mesas (truco e dominó).

O tempo da festa em celebração a Nossa Senhora da Abadia apresenta interesses diferenciados, de acordo com os grupos sociais, em que algumas pessoas vão atraídas pelo entretenimento e outras que se unem para celebrar uma crença surgida por meio de um voto para apaziguar um ato de disputa social e territorial na região entre índios e não índios.

Alguns indivíduos vão por outros interesses, como, por exemplo, os indivíduos com pretensões políticas. Estes aparecem com a intenção de que sejam lembrados no momento das eleições; destaca-se ao mesmo tempo a presença dos sons automotivos que às vezes, apresentam concorrência entre eles de ritmos musicais e de volume; tem também a presença da mídia, que faz a cobertura de algumas partes do evento; é marcante a presença de várias câmeras de filmar, fotografar e celulares que fotografam manuseados pelos indivíduos que mostram interesses particulares e registram os eventos que compõem a festa.

O festejo, ao mesmo tempo, se torna um lugar para iniciar namoros, fortalecê-los ou desfazê-los. As rusgas, às vezes, são intimidadas pela presença da polícia ou pelos próprios participantes. Também há o espaço para os jovens citadinos ou pertencentes à vida rural desfilarem seus estilos modernos, contrastando com a tradição rural. Em relação às diferentes práticas festivo-devocionais que envolvem o espaço das festas, Katrib (2007, p. 78) afirma que

práticas estas que unem e separam os sujeitos em uma espacialidade festiva e perpassam uma multiplicidade de momentos simbólicos e ritualísticos que, aparentemente, não são perceptíveis da mesma forma por todos os sujeitos sociais, já que teias são trançadas, relações estabelecidas, jogos de interesses criados. Todavia, na maioria das vezes, acabam despercebidas aos olhares comuns, pois cada um vislumbra a festa e os vários espaços que a compõem à sua maneira, o que acaba fragmentando os olhares e a forma de experimentá-la.

Alguns moradores da comunidade e alguns participantes devotos têm em comum uma forma peculiar de usufruir do espaço e do tempo que compõem a manifestação. Como se confere na entrevista concedida por alguns de seus participantes:

Uai o motivo é porque eu acho é tradição... é pelos pais... pela tradição da festa, pelos pais cê segue o que seus pais faz. (Entrevistado B. 59 anos).

Na fala acima, é evidente a preocupação do entrevistado em participar da festa como um meio de dar continuidade à tradição de manter e eternizar uma prática vinda de seus antepassados.

Pra nós é muito importante festejar, muita fé né, onde é que a gente encontra com os amigos, tudo, às vezes tem muitos anos que a gente não vê, ai cê topa com ele naquela festa né, é um encontro de família pode se dizer assim. (Entrevistado D, 38 anos)

Porque a gente gosta, pela devoção, porque é assim é um sentimento como se diz, [...] essa festa de mais de 150 anos, então é cultivar as raízes né e não deixar morrer a cultura da região, porque se a gente esmorecer uma hora acaba. E a festa é até um momento de reunir, às vezes a gente não tem tempo para ver as pessoas, aqui é um momento, todo mundo tem tempo, conversa, brinca e às vezes reencontra pessoas que às vezes muito tempo agente não via. (Entrevistada G, 33 anos)

Nestes dois relatos, os entrevistados mostram a importância da festa enquanto um momento de religiosidade por meio da crença e da fé na santa. Do compromisso em manter a tradição enquanto um símbolo cultural na espacialidade da bacia do Córrego da Onça na atualidade e que o momento proporciona os reencontros com os amigos. Podemos também destacar a presença da identidade cultural, religiosa e social em ambas as falas.

Chaveiro (2008) confirma que a força demográfica da festa permite que sua espacialidade seja ocupada por sujeitos de vários estilos de vida, diferentes faixas etárias, condição econômica e política, em que cada qual com seu interesse particular faz usos diferenciados dos eventos da comemoração simbólica e ritualística. Isso permite que ocorram mudanças socioespaciais na festa como já foi dito sobre a inserção de alguns objetos modernos.

A cultura brasileira é muito dinâmica, por isso a dificuldade em conceituá-la em uma sociedade tão diversificada como a brasileira, em que existe uma pluralidade cultural. No que diz respeito à cultura popular, Machado (2002, p. 338) afirma que: “devemos tratar a cultura popular como uma das formas possíveis de representação de pessoas ou classes sociais utilizam para expressar suas experiências e vivências”. Logo, ela deixa de ser classificada e rotulada conforme o seu nível intelectual.

A cultura popular traz, em suas formas de expressões, práticas reais do dia a dia, bem como o misticismo, experiências, vivências, solidariedade, simbolismos imateriais e materiais. Faz-se necessário abordar que a cultura popular, mesmo apresentando traços próprios, possui relação com outras culturas, como a de massa, por exemplo. Neste sentido, a cultura popular traz em seu conteúdo aspectos de outras culturas também.

Faz-se necessário considerar os agentes sociais que a reproduzem e a recriam por meio de simbologias pluri-significativas. Outro aspecto que a autora levanta seria o de que não devemos conhecer e valorizar somente o tradicional e sua origem, uma vez que “em suas práticas e rituais, a cultura trapaceia e remexe com a realidade, produz valores e concepções, mantém um diálogo contínuo entre as categorias do passado e do presente” (MACHADO, 2002, p. 339).

Porque, se assim for, a existência das práticas sociais imbuídas de tradicionalismos está ameaçada por conta do crescimento da cultura homogênea, em consequência do sistema econômico capitalista, uma vez que este está visivelmente presente nas atividades dos sujeitos que vivem estas práticas culturais. Então, frente às alterações ocorridas na cultura, temos que entender que elas fazem parte do processo histórico em que estão inseridas.

É preciso que se pense a cultura no plural e no presente, como uma forma de representação viva e dinâmica das classes populares. A festa pode ter o mesmo nome, seguir ritmos tradicionais, manter laços de solidariedade, provocar prazer, renovar o lazer – porém a modernidade, as novas formas de relações de trabalho, de mercado e de consumo, a tecnologia, a informática, os meios de comunicação de massa, enfim, vão ser incorporados de alguma forma ao imaginário popular, possibilitando aquilo que Certeau denomina de “invenção do cotidiano” (MACHADO, 2002, p. 340).

A festa de Nossa Senhora da Abadia é uma representação que, embora tenha passado por outras épocas, traz em seu contexto histórico, situações tradicionais e modernas. As mudanças vêm ocorrendo em alguns eventos e na estrutura da festa. Por exemplo, a substituição da tolda feita com madeiras em sua estrutura e folhas de indaiá em sua cobertura pela tenda alugada com estrutura de metal e lona.

Antes do uso do telefone celular, durante o giro da folia, um cavaleiro ia à frente dos demais integrantes pedir almoço, janta e pouso para o grupo ao próximo morador. Hoje, fazem o uso deste aparelho para fazer o tal pedido, sem se desprender do grupo, usam também para comunicar com a família e amigos durante o tempo em que estão longe de casa. Conforme relato de uma entrevistada,

[...] desde a época que começou o telefone o celular já houve mudança, por exemplo, nos pousos de folia tinha que sair um da manada da turma de pessoa pra poder avisar lá na frente que ia chegar para almoçar ou para jantar, hoje em dia não usa mais, (ela quis dizer que o folião não desprende do grupo) usa o telefone, fulano, tal lugar assim nos vamos jantar lá e liga e já tá pronto, já é uma mudança pra melhor né? Que não precisa desapartar ninguém do grupo.... (Entrevistada F. 56 anos)

Outra mudança que os devotos comentam com frequência é a de que, no passado, uma equipe ficava cerca uns 15 dias no local, antes da festa acontecer, a fim de fazer as quitandas para servir uma merenda depois do leilão, uma merenda recheada de bolos, biscoitos, pão de queijo, bolachas e vários doces típicos. Mas, conforme relatos, em uma festa houve uma invasão à mesa das quitandas por parte de alguns sujeitos ali presentes, ao ponto de derrubá-la, levando tudo que estava sobre ela ao chão.

A partir de então, esta merenda está suspensa. O bar também é uma inovação, ele está presente há pouco tempo para ajudar o festeiro custear as despesas da festa.

Alguns entrevistados concordam com a inserção de objetos modernos para auxiliar na preparação da festa. Estes elementos apresentam a vantagem de poupá-los dos trabalhos penosos, sem alterar o cerne da festividade. Veja nas respostas abaixo, quando perguntou se está ocorrendo mudança na essência da festa por conta da modernidade inserida na festa, trouxeram algumas respostas, como:

Não, não corre risco não, sempre o normal o básico dela tá ficando. Nós só tá mudando as coisa só pra melhorar mesmo. (Entrevistado D, 38 anos).

Isso aí as vez pode interferi, pelo seguinte, vai indo vai acabando o recurso de cortar uma folha, vai acabando, cê vai arando as terra tudo, vai acabando, aí talvez num tem nem como usa ela mais e madeira também num tá podendo tirar mais! Tá difícil, então vai ter de modificar! Uma tenda dessa daí vem estrutura metálica, então eu acho o seguinte tem de acompanha a evolução né! (Entrevistado E, 70 anos).

Em meio às novas técnicas inseridas na “Região da Onça”, a lógica do capitalismo ainda não conseguiu cooptar por completo a tradicionalidade, porque a essência da festa continua sendo preservada e desenvolvida, assim como os seus ancestrais a realizavam.

Considerações finais

Os novos aparelhos inseridos no tempo da manifestação cultural mudaram a forma de desenvolver algumas atividades, mas não implicam alterações diretas na realização dos rituais e dos eventos, que trazem, desde as primeiras festas até o presente, elementos que transitam entre o sagrado e o profano, o tradicional e o novo, os símbolos e ritos.

Estes elementos, juntos, nos instigam a pensar sobre seus comportamentos diante das transformações que vêm junto à modernidade imposta pelo capitalismo, como no caso de apropriação do Cerrado goiano. Neste transitar, os elementos passam pela condição de insistência, resistência, mutação e reinvenção, que a referida prática social abrange num tempo-espaço que lhe data mais de um século.

A festa de Nossa Senhora da Abadia é uma festa do pobre e do rico, das crianças, dos adolescentes e dos adultos, é um momento que se transforma no tempo-espaço do

louvor à padroeira, do baile, da música, da reza, dos símbolos, dos sons dos instrumentos musicais dos foliões, das cores do altar, da alegria dos sujeitos presentes, das lembranças do passado que remetem às práticas atuais.

Na conjuntura do século XXI, em meio à dimensão de tecnologias e sofisticções, a modernidade nem sempre ofusca as práticas sociais, pois elas, em alguns momentos, aparecem no dia a dia dos indivíduos, por meio das receitas de bolos ou qualquer outro prato carregado de tradicionalidade (principalmente os regionais), por meio das crendices, das simpatias, dos ditados, dos bordados, dos remédios caseiros para curar alguns males, dos causos, brincadeiras tradicionais (cantigas de roda, pião, esconde-esconde, amarelinha etc.). Ou seja, as práticas sociais existem e acontece no espaço dos sujeitos que permitem por meio da tradição a sua realização.

Nota

¹ Este artigo faz parte da dissertação - O giro de um povo: o espaço/tempo da festa de Nossa Senhora da Abadia em Jataí-GO. Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí. Para obtenção do título de Mestre em Geografia, em 2012, sob orientação do Prof. Dr. Eguimar Félício Chaveiro.

Referências

AMARAL, R. de C. de M. P. **Festa à Brasileira** - significados do festejar, no país que “não é serio”. São Paulo, SP: 1998. 287 f. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1998. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/pt-br.php>>. Acesso em 11 mar. 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978. 163 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de Viola** – Rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981. 274 p.

CACLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 152p.

CHAVEIRO, E. F. O Cerrado em disputa: sentidos culturais e práticas sociais contemporâneas. In: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. da C. (Orgs). **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Vieira, 2008. p. 75-97.

FOCKINK, Edione Raquel. **Produção rural familiar em Jataí (GO):** a Comunidade Rural da Onça. Uberlândia, MG: 2007. 147 p. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2007. CD-ROM.

KATRIB, C. M. I. Espaços desvelados: a dinamicidade dos festejos do Rosário em Catalão-GO. **Espaço e Cultura**, nº 21, p. 78-86, fev./2007. Disponível em: <http://www.nepec.com.br/rev_espcul_21.htm>. Acesso em: 10 out. 2010.

MACHADO, M. C. T. Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, R.; RAMOS, A. F. (Orgs). **História e Cultura:** espaços plurais. Uberlândia: Aspectus, 2002. p. 335-345.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. **Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis:** a tradição cavaleiresca e sua rede organizacional. Originalmente apresentada como Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2002, 305p. CD-ROM.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares proposições sobre festas brasileiras. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestação da cultura no espaço.** 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p.191-218.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira. **O campesinato Brasileiro.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1973.

ROSA, M. C. Festar na cultura. In: ROSA, M. C. (Org.). **Festa, lazer e cultura.** 1. ed. Campinas, SP: Papius, 2002. p. 11-41.

ROSENDAHL, Zeny. O espaço, o sagrado e o profano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestação da cultura no espaço.** 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 231-247.

Recebido em 21/02/2013 Aceito para publicação em 27/07/2013.
